



©. José Malhoa

# LUÍS VAZ DE CAMÕES

A Biblioteca Municipal de Coimbra comemora, em 2024, os 500 anos do nascimento do poeta português.

Janeiro – biografia

Fevereiro – o amor em Camões

## Luís Vaz de Camões



Poeta português, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, Luís Vaz de Camões terá nascido por volta de 1524, não se sabe exatamente onde, e morreu a 10 de junho de 1580, em Lisboa. Pensa-se que estudou Literatura e Filosofia em Coimbra, tendo tido como protetor o seu tio paterno, D. Bento de Camões, frade de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Tudo indica que pertencia a uma aristocracia empobrecida, que procura no serviço das armas um modo de vida.

A história de Luís Vaz de Camões confunde-se com as memórias de um Portugal em expansão, estando circunscrita por muitos pontos de interrogação.

Atribuem-se-lhe vários desterros: um para Ceuta, onde se bateu como soldado e em combate perdeu o olho direito; o segundo para Constância, entre 1547 e 1550, porventura resultante de ofensas a uma certa dama da corte.

Em Lisboa levava, ao que parece, uma vida de estúrdia, tendo sido preso no tronco da cidade por haver assaltado, numa briga, com outros companheiros seus, um servidor do paço. Saiu logo no ano seguinte, inteiramente perdoado pelo agredido e pelo rei, conforme se lê numa carta enviada da Índia, para onde partiu nesse mesmo ano, quer para mais facilmente obter perdão quer para se libertar da vida lisboeta, que o não contentava.

Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de *Os Lusíadas*.

Na Índia parece não ter sido feliz. Goa dececionou-o. Tomou parte em várias expedições militares e, numa delas, no Cabo Guardafui, escreveu vários belos poemas. Viajou de seguida para Macau, onde exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes, e escreveu, na gruta hoje reconhecida pelo seu nome, mais seis Cantos do famoso poema épico.

Em data que é impossível precisar, Camões naufragou nas costas do Camboja, ou atual Vietname, salvando das águas o manuscrito d' *Os Lusíadas*, como ele próprio declara (X, 128). Nesse naufrágio viu morrer a sua "Dinamene", rapariga chinesa que se lhe tinha afeiçoado.

Ao cabo de três anos de serviço militar, provavelmente em 1556, Camões foi licenciado, tendo depois aceitado, tanto quanto é possível julgar, o desempenho de funções públicas.

Em Goa sofreu caluniosas acusações, dolorosas perseguições e duros trabalhos, vindo Diogo do Couto a encontrá-lo em Moçambique, em 1568, "tão pobre que comia de amigos", trabalhando n'*Os Lusíadas* e no seu *Parnaso*, "livro de muita erudição, doutrina e filosofia", segundo o mesmo autor.

A 24 de Setembro de 1571, Camões obteve de D. Sebastião o alvará que lhe permite imprimir *Os Lusíadas* por um período de dez anos. Em 1572 sai a obra, em Lisboa, em casa do impressor António Gonçalves e, em 28 de julho do mesmo ano, D. Sebastião concede ao poeta uma tença anual de 15000 réis, a pagamento desde 12 de março, pelos serviços que este lhe havia prestado na Índia, e não apenas para o compensar pela publicação d' *Os Lusíadas*. Esta tença foi paga irregularmente, mas sempre na sua totalidade, dela beneficiando, por ordem de Filipe II de Espanha, a mãe do poeta, que lhe sobreviveu. É graças a esta documentação que sabemos que a morte de Camões ocorreu em Lisboa, a 10 de Junho de 1580.

Os últimos anos de Camões foram amargurados pela doença e pela miséria. Reza a tradição que se não morreu de fome foi devido à solicitude de um escravo Jau, trazido da Índia, que ia de noite, sem o poeta saber, mendigar de porta em porta o pão do dia seguinte.

O certo é que morreu a 10 de junho de 1580, sendo o seu enterro feito a expensas de uma instituição de beneficência, a Companhia dos Cortesãos. Um fidalgo letrado seu amigo mandou inscrever-lhe na campa rasa na Igreja de Sant'Ana (Lisboa) um epitáfio significativo: "Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu." Em 1880, as ossadas do poeta foram trasladadas para o Mosteiro dos Jerónimos.

Se a escassez de documentos e os registos autobiográficos da sua obra ajudaram a construir uma imagem lendária de poeta miserável, exilado e infeliz no amor, que foi exaltada pelos românticos (Camões, o poeta maldito, vítima do destino, incompreendido, abandonado pelo amor e solitário), uma outra faceta ressalta da sua vida. Camões terá sido de facto um homem determinado, humanista, pensador, viajado, aventureiro, experiente, que se deslumbrou com a descoberta de novos mundos e de "Outro ser civilizacional".

Por isso, diz Jorge de Sena: "Se pouco sabemos de Camões, biograficamente falando, tudo sabemos da sua persona poética, já que não muitos poetas em qualquer tempo transformaram a sua própria experiência e pensamento numa tal reveladora obra de arte como a poesia de Camões é."

A 10 de junho, comemora-se o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Livremente adaptado de: Porto Editora – *Luís de Camões* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-01-23 12:42:02]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$luis-de-camoes](https://www.infopedia.pt/$luis-de-camoes)

## O amor em Camões

O poema de Camões é um soneto italiano. O soneto é uma forma fixa de poesia que consiste em quatro versos: os dois primeiros com quatro estrofes (quartetos) e os últimos com três estrofes (tercetos). Começa com a apresentação de um tema, que passa a ser desenvolvido, e, geralmente no último verso, contém uma conclusão que esclarece o tema.

A poesia de Camões segue a fórmula do soneto clássico.

É decassílabo, o que significa que contém dez sílabas poéticas em cada estrofe. A sílaba poética, ou sílaba métrica, diferencia-se da gramatical porque ela é definida pela sonoridade. A contagem das sílabas numa estrofe termina na última sílaba tónica. O formato do soneto clássico e a sonoridade estão diretamente relacionados ao conteúdo do poema. Nas onze primeiras estrofes temos o desenvolvimento de um raciocínio, e, nessas estrofes, observamos uma sonoridade próxima das rimas e da pausa na sexta sílaba métrica.

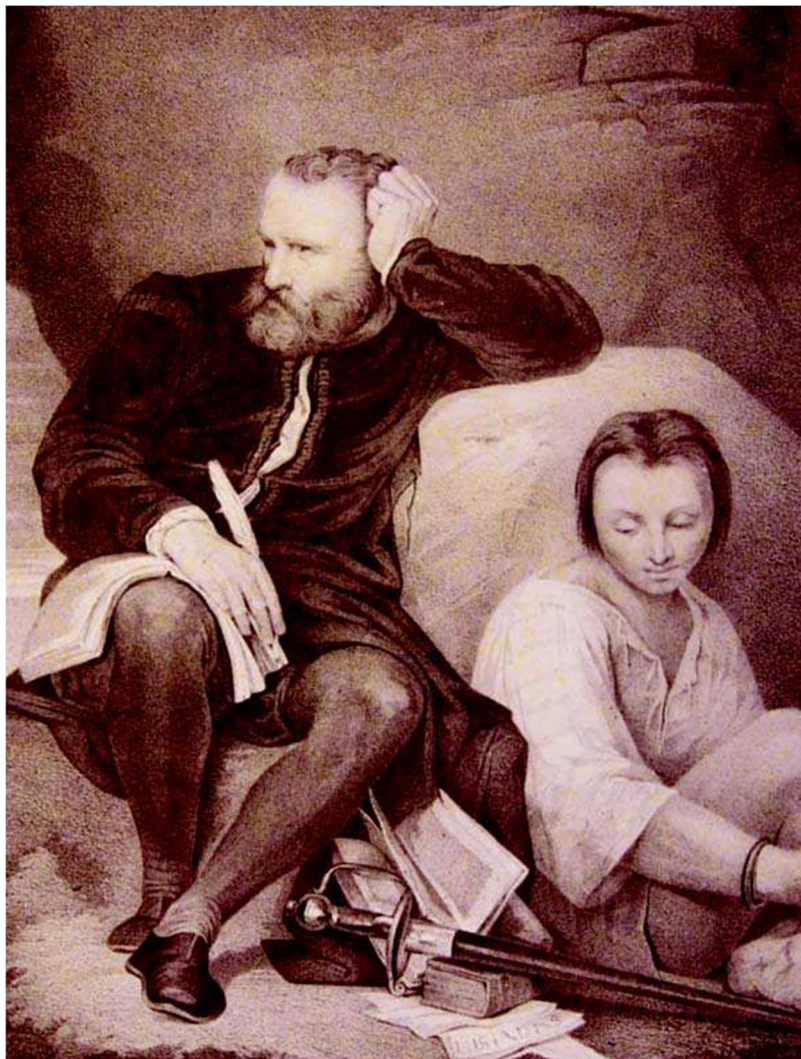
O tema da poesia é desenvolvido por meio do silogismo, que é um sistema de raciocínio desenvolvido por Aristóteles em que as afirmações prepositivas levam a uma conclusão lógica. No poema de Camões, as preposições são feitas nos dois quartetos e no primeiro terceto, sendo a última estrofe a conclusão do silogismo. Camões exprime a dualidade desse sentimento de uma forma exemplar: alcançando o cerne de um dos sentimentos mais complexos que existem; que nos provoca tanto prazer e sofrimento ao mesmo tempo.

A poesia amorosa de Camões é sensual, do homem tragado pela volúpia do corpo, encantado pela forma feminina, do boémio apaixonado e exaltado, tudo numa medida em que mantém um certo zelo pela imagem cantada, ainda quando o retrato é o da dor e da decepção amorosa, da traição ou do abandono. O tema amoroso em Camões tem uma vertente melancólica, à sombra do desencanto do eu perante a impossibilidade de se cumprir a plenitude da felicidade a partir do amor.

O poema torna-se intemporal na medida em que o tema abordado é universal e as figuras usadas para desenvolvê-lo são complexas e belas. Camões consegue conciliar imagens muito opostas para explicar o que é o amor.

O Amor, assim como tudo na vida, é um jogo de dualidades, de ambiguidades, que faz parte do cerne do ser humano. Não existe sentimento humano que possa ser explicado de forma clara e simples. Porém, alguns poetas conseguem exprimir de forma inteligível coisas tão complexas como o amor.

Mais, a palavra Amor (do latim amore) é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem a outra pessoa ou a uma coisa. O uso do vocábulo, contudo, empresta-lhe outros tantos significados, quer comuns, quer conforme a ótica de apreciação, tal como nas religiões, na filosofia e nas ciências humanas.



*Amor é um fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.  
É um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que ganha em se perder.  
É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata, lealdade.  
Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo amor?*

*(Rimas, Soneto 5, p. 119)*